

GENEALOGIA E LITERATURA: UMA RELAÇÃO NATURAL OU EQUIVOCADA? (A PROPÓSITO DO AVENTUROSO CAMILO)

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA*

* CITCEM/FLUP (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: malheiro@letras.up.pt.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0491-3758>.

Se continua a ser avisado ir do geral para o particular, comecemos pela necessária e constante relação entre a História e a Literatura. Que o exercício historiográfico é tecido pela narrativa, que é, de igual modo, um enredo de factos e de actores e de circunstâncias, não há dúvidas e certo é também que quando nos referimos a um romance, a uma novela ou um conto temos curiosidade pelo respetivo enredo. Há convergência no meio que as duas usam e até há aproximação na evidência de que a ficção só é suficientemente poderosa e cativante se assentar na vida profunda e carnalmente vivida. Daí que os textos literários não devem ser desprezados pelos historiadores, assim como historiadores e investigadores de História da Família não perdem o seu respeito pelo que contam os documentos autênticos, guardados e consultados se optarem por uma narrativa criativa na forma e verdadeira na substância. Portanto, a relação do registo literário com o historiográfico tem fundas interseções ou interpenetrações que mostram, por si, um espaço fecundo de complementaridades. E é neste espaço que entra a questão: faz sentido, tem interesse para os estudos literários um conhecimento minucioso dos antepassados diretos e, eventualmente, colaterais, de um escritor? E se este for um protagonista de vida real trágica ou turbulenta, esse conhecimento retrospectivo de cariz genético traz sinais diretos ou causais para iluminação da sua obra?

André Gide (1869-1951), escritor e editor francês, terá defendido que a obra supera e se liberta do Autor, ganha vida num cânone próprio que cabe aos críticos e estudiosos da Literatura identificar ou aplicar. Esta perspetiva gideana fez trilha e ganhou raízes, posicionando-se nos antípodas do que acima foi exposto. O Mundo e a Vida podem estar evocados na obra literária, porém não estão nela representados, porquanto o génio do Autor «descontamina» a narrativa ficcional dos potenciais efeitos reais.

Trata-se de uma perspetiva teórica, bem inscrita na Teoria da Literatura, que cumpriu seu desiderato, no entanto ela esbarra em evidências biográficas simples que, pelo menos, a relativizam de forma clara. O contexto concreto de vida de um Autor desde o seu nascimento até à sua morte cose-se com a sua escrita e não é possível que fosse de outro modo. Constatar isto não significa postular uma causalidade natural entre existência autoral e obra feita, porém obriga a que o Autor abrace estreitamente a obra.

Sendo assim, temos de novo erguida a aproximação do literário com o historiográfico e por esta via podemos ousar um atalho estreito onde a genealogia pura e dura aparece a querer explicar o génio e as atribulações de um escritor famoso. Esta ousadia foi concretizada como não podia deixar de ser. E José de Campos e Sousa, genealogista e heraldista prolixo, assumiu a tarefa ingente de organizar o *Processo genealógico de Camillo Castelo Branco*, publicado em Lisboa, em 1946, com um prefácio do Dr. Pedro da Câmara Leme, obra basilar que Manuel Tavares Teles tomou como ponto de partida para as suas pesquisas genealógicas complementares e mais aprofundadas sobre o referido escritor. O propósito desse processo foi o de ser um dos primeiros trabalhos

de investigação genealógica portuguesa orientados segundo um critério amplo, que deveria ser seguido — diz-se no prefácio — em todos os modernos estudos genealógicos, porque se baseou num vasto rol de documentos e numa abordagem que preconizava já um estudo de História da Família, com a singularidade de ser a família de um grande e controverso escritor português.

O livro de Campos e Sousa traz, através da genealogia, a História para que os portugueses pudessem entender melhor o escritor e a sua obra. Sendo conhecida a vida atribulada do transmontano de raiz nascido em Lisboa, que esteve preso na Relação do Porto por se travar de amores com uma mulher casada, em pleno século XIX, foi irresistível para Campos e Sousa indagar se Camilo não nasceu com uma herança de algum modo justificadora de vida tão amarga e genial... E assim encadeou o escritor nos seus antepassados mais próximos, os Botelhos ou Brocas, com perfis problemáticos, e deixou via aberta para maiores «explorações» futuras, o que veio a acontecer muito posteriormente por esta obra, que se prefacia, publicada postumamente e deixada pelo Autor inacabada. Além dos Brocas a varonia de Camilo ascende até aos Marrões, cujo primeiro identificado com segurança documental, para o século XV, foi Gonçalo Pinto, tabelião, pai de Álvaro Pinto, que recebeu ordens menores. Por sua vez, é em Domingos Rodrigues Pinto, o *Marrão Velho*, nascido em 1577, que entroncam as duas linhagens que dão título a este livro. A alcunha Marrão, com várias significações, possui a de cristão-novo, ou seja, judeu!... Para os genealogistas do século XX português, entroncar individualidades em raízes semitas constituiu troféu de pesquisa assinalável e pode ser que Camilo não tenha escapado a esse destino.

No entanto o que valoriza este contributo, deixado incompleto e que a Doutora Joana Lencart anotou e comentou com o rigor e competência que lhe são reconhecidas, é o pretexto que fornece para o debate sobre se as pesquisas genealógicas aplicadas a escritores de romances, novelas, contos e poesias, ajudam ou não a dar um substrato explicativo à obra produzida, confirmada a evidência de que André Gide se equivocou e que só se escreve o que de algum modo se liga à vivência profunda do escritor. A genealogia de um Autor não traz explicações deterministas, embora esse delírio positivista e preconceituoso possa ter andado no espírito de certo tempo. Desde logo porque a genealogia como método de pesquisa inscreve-se dentro da História ciência, e nunca fora dela, e esta não sentencia efeitos, mas procura iluminar trajetórias de longa duração e convergências conjunturais. O exercício indiscreto e «recenseador» de vasculhar antepassados de escritores para que os estudiosos das suas obras possam tecer análises, que vão além do texto, e captem contextos e curiosas coincidências justifica-se e recomenda-se sem preconceitos nem receios. Dele não há que extrair causalidades, o que seria no mínimo bizarro, mas facilitar um interminável caudal de compreensões...

Por fim, falta referir na relação, que decorre natural em face do exposto, entre Genealogia e Literatura, que os escritores não deixaram de recorrer ao rol genealógico na caracterização de seus personagens, individuais ou coletivos, nomeadamente as famílias, e Camilo Castelo Branco, em particular, cuja genealogia despertou o interesse assinalado, deu-se, ele próprio, ao cuidado, estilístico e irónico, de empregar essa «ferramenta» de maneira a dar substrato e consistência aos enredos.

